



## Análise de conteúdo em pesquisa qualitativa: modo de pensar e de fazer

### *Content analysis in qualitative research: way of thinking and doing*

**José Raul de Sousa**

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Pau dos Ferros, Rio Grande do Norte, Brasil

[raul\\_sousa11@hotmail.com](mailto:raul_sousa11@hotmail.com) | <https://orcid.org/0000-0002-1890-1347>

**Simone Cabral Marinho dos Santos**

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Pau dos Ferros, Rio Grande do Norte, Brasil

[simone.cms@hotmail.com](mailto:simone.cms@hotmail.com) | <https://orcid.org/0000-0001-8338-8482>

#### Resumo

Na abordagem do dinamismo de um determinado problema social, há várias técnicas de análise, dentre elas, a técnica de Análise de Conteúdo de Laurence Bardin. Neste artigo, abordamos a técnica análise de conteúdo em pesquisas qualitativas, sob a teoria desenvolvida por Bardin (2004, 2010, 2011), combinada com o modo como essa técnica foi aplicada na pesquisa de campo realizada por Sousa (2019). É destacada a contextualização do estudo, o passo a passo da técnica e as particularidades de cada fase, essenciais para validação e aplicação da análise de conteúdo na pesquisa. Espera-se contribuir para esclarecer peculiaridades dessa técnica e demonstrar seu modo de fazer na pesquisa qualitativa.

**Palavras-chave:** Análise de conteúdo. Pesquisa qualitativa. Conceito-prática.

#### Abstract

*At the dynamic approach to a type of social issue, there are multiple analysis techniques, and between it, the analysis techniques by Laurence Bardin. In this paper, we cover the techniques of content analysis in qualitative research, watching to the theories Bardin (2004, 2010, 2011), combined with field research applied by Sousa (2019). The context of the studies is emphasized, the steps of the techniques and the particularities of each part becomes essential to the validation and applies in the analysis's techniques in qualitative research. We expect to contribute to clarify the peculiar methods of this technique and show how to do qualitative research.*

**Keywords:** Content analysis. Qualitative research. Concept-practice.

Artigo recebido em: 23/11/2020 | Aprovado em: 20/12/2020 | Publicado em: 31/12/2020

#### Como citar

SOUSA, José Raul de; SANTOS, Simone Cabral Marinho dos. Análise de conteúdo em pesquisa qualitativa: modo de pensar e de fazer. *Pesquisa e Debate em Educação*, Juiz de Fora: UFJF, v. 10, n. 2, p. 1396 - 1416, jul. - dez. 2020. ISSN 2237-9444. DOI: <https://doi.org/10.34019/2237-9444.2020.v10.31559>.



## 1 Palavras iniciais

O que move o interesse pela pesquisa qualitativa? Eis uma questão que inquieta nosso espírito de pesquisador(a). Alguns processos gerais que caracterizam a sociedade podem indicar a conexão entre mudanças que justificam a busca pela pesquisa qualitativa. Indivíduos e grupos sociais interagem entre si e produzem conhecimento a partir dessa interação.

Campo fértil das ciências humanas e sociais, a pesquisa qualitativa centraliza-se na linguagem e, por assim dizer, tudo que é dito, é dito para alguém em algum lugar, de algum lugar ou para algum lugar. O desafio para o(a) pesquisador(a) repousa na obtenção de interpretações plausíveis no universo de narrações. Imersa nesse contexto, a pesquisa qualitativa busca a aceitação do pluralismo das formas de relatos, em um tempo de transição de paradigmas na ciência, o dominante e o emergente, como disse Santos (2008), cujo conhecimento se torna parte integrante da produção sociocultural em sociedades que intervêm de forma crescente sobre si mesmas.

No campo acadêmico, o estudo qualitativo de um fenômeno social tem acompanhado as pesquisas em diversas áreas, e com ele, o debate sobre o caminho a percorrer, os passos a seguir, quais técnicas e que instrumentos utilizar na produção do conhecimento. O fato é que no processo de construção e reconstrução de uma dada realidade, a pergunta de partida objetivada permite a definição do método.

Na abordagem do dinamismo de um determinado problema social, sob o viés da pesquisa qualitativa, há várias técnicas de análise, dentre elas, a técnica de Análise de Conteúdo de Bardin (2004, 2010, 2011). Para a autora, a Análise de Conteúdo objetiva analisar o que foi dito em meio a uma investigação, construindo e apresentando concepções em torno de um objeto de estudo. A análise do material coletado segue um processo rigoroso frente às fases definidas por Bardin (2011), como: Pré-análise; Exploração do material e Tratamento dos resultados.

A validação do conhecimento científico e sua legitimação por meio da Análise de Conteúdo passam por uma apropriação e compreensão dessas fases em uma ação sistemática do(a) pesquisador(a). Daí, estudos que trazem reflexão de como produzir conhecimento sobre a percepção dos sujeitos tornam-se de suma importância para pesquisadores(as) que desejam adentrar nessa técnica de análise de conteúdo e aplicá-la em suas pesquisas.

Por esse viés, a finalidade deste artigo é abordar a técnica Análise de Conteúdo, perpassando pela seguinte questão orientadora: Como aplicar a análise de conteúdo em pesquisas qualitativas? Para respondê-la, temos como objetivos: compreender o modo de pensar a Análise de Conteúdo desenvolvida por Bardin (2011), como também demonstrar o seu modo de fazer na pesquisa qualitativa, a partir de uma realidade de pesquisa empreendida.

Para atender duplamente a esse esforço, modos de pensar e de fazer, apresentamos a técnica Análise de Conteúdo sob a teoria desenvolvida por Bardin (2011), combinada com o contexto de pesquisa adotado na dissertação de mestrado intitulada “Protagonismo Estudantil em Feiras de Ciências no Semiárido Potiguar: da Educação Básica ao Ensino Superior” (SOUSA, 2019), defendida no

Programa de Pós-Graduação em Ensino (PPGE), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) Campus Avançado de Pau dos Ferros (CAPF). Trazemos aqui, o percurso teórico-metodológico, apresentando o modo como a técnica de análise de conteúdo foi abordada e aplicada na pesquisa.

Assim, tendo esse artigo a preocupação de abordar a técnica Análise de Conteúdo, apoiada em referenciais empíricos, a hipótese levantada é que Análise de Conteúdo contribui para que a descrição e interpretação do conteúdo de pesquisa, submetidas a um processo de sistematização e categorização rigorosa dos dados, conduzam o(a) pesquisador(a) a respostas válidas e confiáveis na pesquisa qualitativa.

Considerando a finalidade desse estudo, o presente artigo parte de uma revisão, ainda que breve, acerca da pesquisa qualitativa expondo sua importância no cenário da pesquisa científica e suas características. Faz-se presente, também, uma discussão teórica sobre a técnica Análise de Conteúdo, apresentando sua sistematização, conforme Bardin (2011).

Em seguida, abordamos como a técnica Análise de Conteúdo foi aplicada na pesquisa científica desenvolvida, evidenciando a contextualização do estudo, o passo a passo da concretização da técnica e as particularidades de cada fase, essenciais para a validação, confiabilidade e aplicação na pesquisa. Por fim, deixamos nossas reflexões acerca do nosso estudo, dispendo algumas considerações frente ao tema aqui exposto.

## **2 A pesquisa qualitativa e a técnica da análise de conteúdo: alguns apontamentos teóricos**

A pesquisa é compreendida como um conjunto de ações que visam novas descobertas e estudos em uma determinada área, consistindo em um processo metodológico de investigação, recorrendo a procedimentos científicos para encontrar respostas para um problema. A pesquisa é definida como um procedimento racional e sistemático, cujo objetivo é proporcionar respostas aos problemas que são propostos (GIL, 2007). A pesquisa desenvolve-se por um processo constituído de várias fases, desde a formulação do problema até a apresentação e discussão dos resultados.

Nesse prisma, toda pesquisa tem como intencionalidade indagar algo a partir de uma problemática vivenciada no contexto social, tendo como objetivo responder à pergunta problema e as preocupações de elaborar novos conhecimentos que possibilitem compreender/transformar a real condição do que está sendo estudado.

Em se tratando de pesquisa qualitativa, tem-se um reconhecimento ímpar entre as várias possibilidades de se estudar os fatos que abrangem as subjetividades do ser humano e suas intrincadas relações sociais, estabelecidas em sociedade. Nessa perspectiva, a abordagem qualitativa opõe-se a um modelo padrão de pesquisa para todas as ciências, já que cada ciência tem sua especificidade a depender de cada caso a ser estudado, o que pressupõe uma metodologia própria (GOLDENBERG,1997).

A pesquisa qualitativa preocupa-se com fatos da sociedade que estão centrados na interpretação e explicação da dinâmica das relações sociais. Nessa

configuração, segundo Minayo (2010), a abordagem qualitativa remete ao universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

A pesquisa qualitativa, segundo Minayo (2010), proporciona a construção e/ou revisão de novas abordagens, conceitos e categorias referente ao fenômeno estudado de uma sociedade, tendo-se respeito pela diversidade existente. Nesses termos, Minayo (2010, p. 57) assim define o método qualitativo como o método,

[...] que se aplica ao estudo da história, das relações, das representações, das crenças, das percepções e das opiniões, produtos das interpretações que os humanos fazem a respeito de como vivem, constroem seus artefatos e a si mesmos, sentem e pensam. Embora já tenham sido usadas para estudos de aglomerados de grandes dimensões (IBGE, 1976; PARGA NINA et.al 1985), as abordagens qualitativas se conformam melhor a investigações de grupos e segmentos delimitados e focalizados, de histórias sociais sob a ótica dos atores, de relações e para análises de discursos e de documentos.

Nessa premissa, as significações da abordagem qualitativa permitem compreender a complexidade e os detalhes das informações obtidas em uma sociedade por meio das representações em que os indivíduos se colocam em cada relação com o meio. Tratando das características básicas da pesquisa qualitativa, Bogdan e Biklen (1994) resumem em cinco. São elas:

1. Na investigação qualitativa a fonte directa de dados é o ambiente natural, constituindo o investigador o instrumento principal[...];
2. A investigação qualitativa é descritiva. Os dados recolhidos são em forma de palavras ou imagens e não de números. Os resultados escritos da investigação contêm citações feitas com base nos dados para ilustrar e substanciar a apresentação. Os dados incluem transcrições de entrevistas, notas de campo, fotografias, vídeos, documentos pessoais, memorandos e outros registos oficiais [...];
3. Os investigadores qualitativos interessam-se mais pelo processo do que simplesmente pelos resultados ou produtos [...];
4. Os investigadores qualitativos tendem a analisar os seus dados de forma indutiva. Não recolhem dados ou provas com o objectivo de confirmar ou infirmar hipóteses construídas previamente; ao invés disso, as abstracções são construídas à medida que os dados particulares que foram recolhidos se vão agrupando [...];
5. O significado é de importância vital na abordagem qualitativa. Os investigadores que fazem uso deste tipo de abordagem estão interessados no modo como diferentes pessoas dão sentido às suas vidas. (BOGDAN, BIKLEN, 1994, pp.47-50).

Fazendo uma leitura dessas características, os autores relacionam a pesquisa qualitativa ao ambiente do pesquisador, cujos dados são descritivos, sendo obtidos de diferentes formas, como entrevista, fotografias, vídeos, notas de campo, dentre outros. Ao focar no processo, mais do que no produto, o “interesse do pesquisador ao estudar um determinado problema é verificar como ele se

manifesta nas atividades, nos procedimentos e nas interações cotidianas (LÜDKE, ANDRÉ, 2018, p. 13). Para Bogdan e Biklen (1994), o universo dos significados dão o tom da pesquisa qualitativa porque está centrada na perspectiva dos participantes, cuja análise de dados ocorre de modo indutivo. Nesse ponto, convém destacar que ao investigador qualitativo não cabe presumir que “[...] sabe o suficiente para reconhecer as questões importantes antes de efectuar a investigação” (BOGDAN, BIKLEN, 1994, p. 50).

Diante dessas características, a pesquisa de cunho qualitativo tem seu foco de interesse voltado para o indivíduo e para suas relações e interações com o ambiente. Do pesquisador, por sua vez, supõe contato direto e prolongado com o ambiente e a situação que está sendo investigada, num intenso trabalho de campo. Com isso, temos um método que se debruça com as formas de percepção do mundo, de comunicação, de autoconhecimento e de conhecimento dos problemas humanos. Trata-se de um método, como disse Bogdan e Biklen (1994), em que o investigador interpreta o mundo com base nas interações, assim como constrói significados através de interações e partilha de experiências.

Essa imersão do indivíduo em relações e interações com o ambiente, segundo Bogdan e Biklen (1994), traz para o contexto da pesquisa qualitativa, alguns riscos, entre eles, a subjetividade do investigador quando empregada ou vista de forma equivocada. Para esses autores, cabe ao investigador construir conhecimento e não o de dar opiniões sobre determinado contexto ou fenômeno. Como forma de superar esse limite, o investigador qualitativo tenta reconhecer e confrontar as suas opiniões próprias e preconceitos, como forma de lidar com eles. Por mais que se mantenham a flexibilidade, a criatividade e a reflexão própria do pesquisador nos estudos qualitativos, não cabe invenção e distorção de resultados. Portanto, garantir a autenticidade dos resultados é aspecto fundamental (BOGDAN, BIKLEN, 1994).

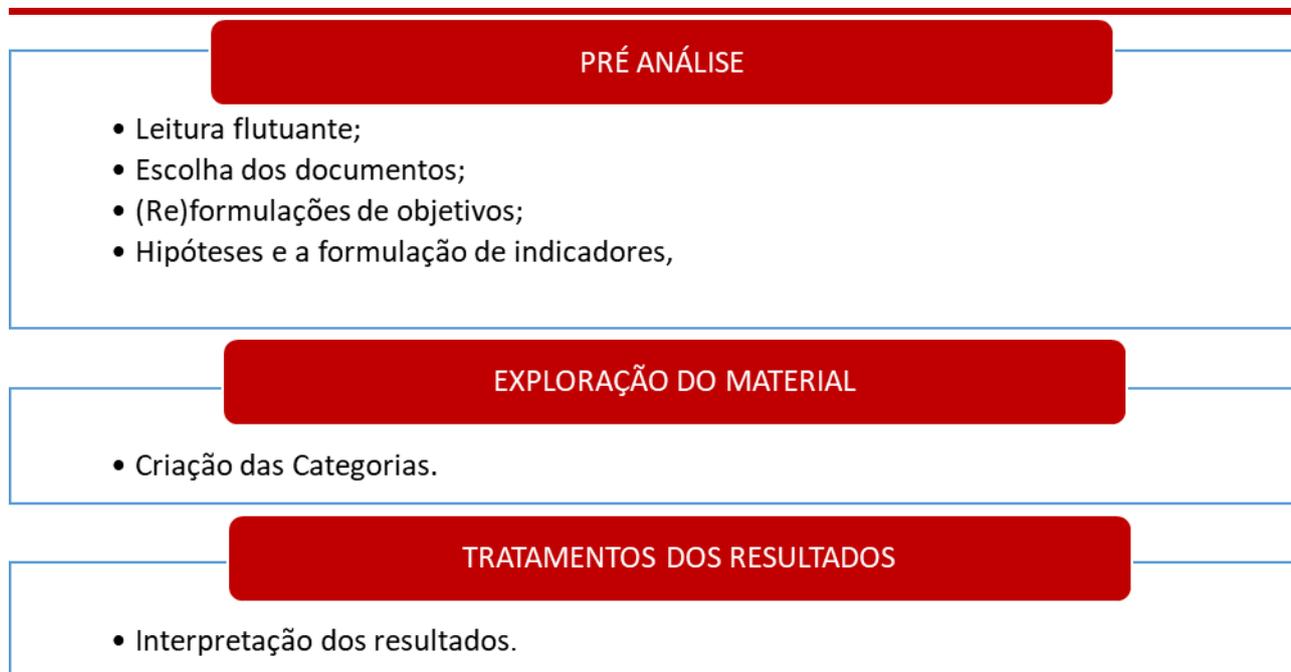
Assim sendo, percebendo a configuração da abordagem qualitativa e sua articulação no universo da pesquisa científica, tipos de pesquisas, instrumentos e técnicas de análise de dados são articulados com tal abordagem. Como recorte, optamos nesse estudo pela técnica de análise de dados, a Análise de Conteúdo defendida por Laurence Bardin.

Nesse segmento, a análise de conteúdo é entendida como um conjunto de técnicas de “análise das comunicações, que visa obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitem as inferências de conhecimentos relativos de condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens” (BARDIN, 2004, p. 41). É compreendida como um conjunto de instrumentos metodológicos, em constante aperfeiçoamento, que objetiva analisar diferentes aportes de conteúdo sejam eles verbais ou não-verbais, por meio de uma sistematização de métodos empregados numa análise de dados.

A técnica de pesquisa Análise de Conteúdo defendida por Bardin (2011) se estrutura em três fases: 1) pré-análise; 2) exploração do material, categorização ou codificação; 3) tratamento dos resultados, inferências e interpretação. A validade dos achados da pesquisa é resultante de uma coerência interna e sistemática entre essas fases, cujo rigor na organização da investigação inibe ambiguidades e se constitui como uma premissa fundante. Vejamos na **Figura 1** a

representatividade da sequência da técnica Análise de Conteúdo de forma simplificada, segundo Laurence Bardin.

**Figura 1:** Sequência da técnica da análise de conteúdo



Fonte: Bardin (2011 *apud* SOUSA, 2019).

A Pré-Análise é a primeira etapa da organização da Análise de Conteúdo. É por meio dela que o pesquisador começa a organizar o material para que se torne útil à pesquisa. Nesta fase, estudiosos devem sistematizar as ideias preliminares em quatro etapas, sendo-as: a leitura flutuante; escolha dos documentos; reformulações de objetivos e hipóteses e a formulação de indicadores, as quais nos darão fim à preparação do material como um todo (BARDIN, 2004).

Na sequência, temos a exploração do material, fase que tem por finalidade a categorização ou codificação no estudo. Nesta fase, a descrição analítica vem enaltecer o estudo aprofundado, orientado pelas hipóteses e referenciais teóricos (MOZZATO; GRZYBOVSKI, 2011). Neste segmento, a definição das categorias é classificada, apontando os elementos constitutivos de uma analogia significativa na pesquisa, isto é, das categorias. Dessa forma, a análise categorial consiste no desmembramento e posterior agrupamento ou reagrupamento das unidades de registro do texto. Assim, a repetição de palavras e/ou termos pode ser a estratégia adotada no processo de codificação para serem criadas as unidades de registro e, posteriormente, categorias de análise iniciais (BARDIN, 2010).

A terceira fase diz respeito ao tratamento dos resultados, inferência e interpretação. Esta etapa é destinada à busca de significação de mensagens através ou junto da mensagem primeira. É o momento da intuição, da análise reflexiva e crítica. Nesta fase, o tratamento dos resultados tem a finalidade de

constituir e captar os conteúdos contidos em todo o material coletado por meio dos instrumentos (FOSSÁ, 2013). Esta fase é a “operação lógica, pela qual se admite uma proposição em virtude da sua ligação com outras proposições já aceitas como verdadeiras” (BARDIN, 2010, p. 41).

Considerando as diferentes fases da análise de conteúdo proposta por Bardin (2010), destacam-se as dimensões da codificação e categorização que possibilitam e facilitam as interpretações e as inferências. Aqui, repousa o encontro com a pesquisa que desenvolvemos “Protagonismo Estudantil em Feiras de Ciências no Semiárido Potiguar: Da Educação Básica ao Ensino Superior” para ilustrar, de forma mais clara, o uso da técnica Análise de Conteúdo.

### **3 A análise de conteúdo na pesquisa qualitativa: o fato empírico**

Em um estudo científico devem-se explicar, detalhadamente, os princípios teórico-metodológicos, bem como os métodos utilizados para chegar aos resultados pretendidos. Nesse momento, apresentamos o percurso metodológico, incluindo o universo e os sujeitos da pesquisa, a escolha dos instrumentos e técnicas de pesquisa e o processo de coleta, análise e tratamento de dados, tomando como referência a técnica Análise de Conteúdo.

#### **3.1 Abordagem e tipos de pesquisas do estudo**

A abordagem qualitativa tem em seu significado uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números (PRODANOV; FREITAS, 2013). A abordagem qualitativa fundamentou-se na percepção dos sujeitos em torno do protagonismo dos estudantes quando participam de Feira de Ciências.

Quanto aos tipos de pesquisa, o referido estudo se deu por meio da pesquisa de campo, especificamente, com o Programa Ciências para Todos do Semiárido Potiguar, da Universidade Federal do Rural do Semiárido (UFERSA), a fim de elencarmos elementos pertinentes para a pesquisa, a qual é utilizada com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema para o qual procuramos uma resposta. Consiste na observação de fatos e fenômenos tal como ocorrem espontaneamente, na coleta de dados a eles referentes e no registro de variáveis que presumimos relevantes, para analisá-los (PRODANOV; FREITAS, 2013).

Nessa instância, optamos por esse tipo de pesquisa, por analisarmos alguns elementos que se encontram no âmbito das informações gerais e específicas do Programa supracitado, tendo-se acesso à dinâmica de planejamentos e elaboração de propostas para a realização dessa atividade. É necessário frisar também que a caracterização deste estudo se deriva também da observação de seu desenvolvimento ao longo de alguns anos, bem como dos trâmites para sua organização e ter tido uma participação direta em alguns momentos das Feiras.

A pesquisa documental foi exercida com a finalidade de descrever o fenômeno social investigado através de documentos referentes à temática pesquisada. Pádua (2004) afirma que a pesquisa dessa natureza é realizada a

partir de documentos contemporâneos ou retrospectivos, considerados cientificamente autênticos. Nesse caso, adotamos esse tipo de pesquisa, por usarmos os relatórios e informações disponíveis sobre o Programa. Debruçamos sobre os relatórios vigentes dos anos de 2011 a 2018, com o intuito de descrever o programa, com as seguintes informações: número de alunos, professores, escolas, municípios participantes, bem como os projetos destaques.

### 3.2 Instrumentos

Os instrumentos utilizados para coleta de dados foram: i) Questionário, propagado pela plataforma Google Docs e pelo aplicativo multiplataforma de mensagens instantâneas– WhatsApp; ii) Entrevistas Semiestruturadas, que foram registradas de maneira escrita com os sujeitos envolvidos no processo de investigação. A entrevista foi realizada tanto presencialmente, como virtualmente pelo aplicativo WhatsApp.

O Questionário é um instrumento compreendido por uma série ordenada de perguntas que devem ser respondidas por escrito pelo informante (respondente). Tem como objetivo trazer ao investigador respostas para o estudo de maneira simples e direta (PRODANOV; FREITAS, 2013). O questionário foi composto por 8 (oito) questões, classificadas em abertas e fechadas, com a finalidade de identificar estudantes universitários que participaram de feiras de ciências ligadas ao Programa, bem como trazer uma visão geral das percepções dos sujeitos, para posterior categorização para fins de realização da segunda fase, a qual se caracterizou pelas entrevistas.

Optamos pelo questionário como instrumento deste estudo, haja vista apresentar-se como um instrumento que tem seus significados constatados na eficiência de recrutamentos de sujeitos em pesquisa e o poder de levantamento de ideias iniciais para o que se procura. Como foi disponibilizado via plataforma Google Docs, foi possível um maior alcance dos sujeitos em diferentes IES. Ao todo, 25 sujeitos responderam o questionário durante o mês de agosto de 2019.

As Entrevistas Semiestruturadas têm a finalidade de obter informações de entrevistados sobre um determinado tema/assunto, por meio de uma conversa planejada seguida por um roteiro e por indagações. As entrevistas semiestruturadas combinam perguntas abertas e fechadas, em que o informante tem a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto, por meio de um conjunto de questões previamente definidas, em uma conversa, seja ela formal, seja informal (BONI; QUARESMA, 2005).

Sua escolha foi motivada em função da sua capacidade de retratar as experiências vivenciadas pelos sujeitos da pesquisa, oriundas de uma conversa arquitetada por perguntas, as quais faziam menção aos nossos objetivos, enfatizando uma conversa exitosa, apontando sempre pontos pertinentes para a análise dos resultados, descritos na dissertação. Dos 25 sujeitos que responderam o questionário, 10 participaram das entrevistas. As entrevistas foram realizadas no mês de setembro de 2019.

É importante salientar que, no primeiro momento, foram colhidas informações mais gerais por meio do instrumento mais generalista utilizado (questionário), tendo na segunda fase a realização da entrevista, para a qual foi

preciso analisar com maior profundidade aspectos perceptuais dos sujeitos sobre o seu protagonismo e participação nas Feiras de Ciências.

### 3.3 Caracterizando o universo da pesquisa e os sujeitos

O referido estudo pautou-se no Programa Ciências para todos do Semiárido Potiguar, da Universidade Federal Rural do Semiárido (UFERSA), dando-se a liberdade de apresentar e mapear onde se encontram os sujeitos que participaram do programa no período de 2011 a 2018, e que estão no Ensino Superior. Vale salientar que a escolha por esse período se deu pela consolidação do programa na região, que ocorreu no ano de 2011, ano em que começou a execução do projeto.

Quando aplicado o primeiro instrumento, o questionário por meio da plataforma Google e pelo WhatsApp, percebemos geograficamente que o estudo foi para além do Semiárido Potiguar, uma vez que foi possível identificar universitários nos estados de Rio Grande do Sul, São Paulo e Rio de Janeiro.

A pesquisa teve como sujeitos os respondentes do questionário propagado pela plataforma google docs. Tendo respostas na quantidade de 25 sujeitos, sendo 13 do sexo masculino e 12 do feminino, 95% com idade entre 18 a 25 anos e 5% de 26 a 30 anos.

No que se refere à participação das Feiras de Ciências, todos relataram que participaram das Feiras locais, que são as escolares, as regionais e por conseguinte a estadual, que deriva do Programa Ciências para todos do Semiárido Potiguar. Na opção “outras”, somente 1 sujeito respondeu, entretanto, não especificou em qual.

Perante o mapeamento dos anos de participação dos sujeitos pesquisados em Feiras de Ciências, obtivemos a seguinte caracterização, como demonstra na **Tabela 1**:

**Tabela 1:** Anos de participação dos sujeitos pesquisados nas feiras de ciências

2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018
0	2	1	3	8	6	3	2

Fonte: Sousa, 2019.

Quando considerado o âmbito acadêmico, os sujeitos se encontram nas seguintes situações, como caracteriza o **Quadro 1**:

**Quadro 1:** Mapeamento dos âmbitos acadêmicos dos sujeitos pesquisados e seus respectivos cursos

Estado	IES	Cursos	Quantidade
Rio Grande do Norte	IFRN	Lic. Química	5
		Curso Superior de Tec. em Análise e Desenv. de Sistemas	2
	UFERSA	C&T	6
	UERN	Geografia	2

Estado	IES	Cursos	Quantidade
		Pedagogia	3
	FACEP	Pedagogia	2
		Psicologia	1
	FCRN	Fisioterapia	1
Rio de Janeiro	UFRJ	Direito	1
Mato Grosso do Sul	UERGS	Medicina	1
São Paulo	USP	Eng. Elétrica	1

Fonte: Sousa, 2019.

Dos sujeitos respondentes, 10 se dispuseram a participar das entrevistas, para os quais, no entanto, utilizamos pseudônimos como respectivas identificações, assim denominados:

- Thor: Participou das Feiras de Ciências em 2018, atualmente está cursando o 2º período de Medicina na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul;
- Viúva Negra: Participou das Feiras no de 2017, cursa o 2º período de Ciências e Tecnologia na Universidade Federal Rural do Semi-Árido, Campus de Pau dos Ferros;
- Batman: Participou das Feiras de Ciências no ano de 2017, cursa o segundo período de Licenciatura em Química pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte.
- Mulher Maravilha: Participou das Feiras de Ciências no ano de 2016, atualmente cursa o 2º período de Licenciatura em Química pelo Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte;
- Gamora: Participou das Feiras no ano de 2016, cursa o 6º período de Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte;
- Mulher Gavião: Participação das Feiras no ano de 2015, atualmente está na Faculdade Federal do Rio de Janeiro, cursando o 2º período do curso de Direito;
- Groot: Participou das Feiras de Ciências no ano de 2015, cursa o 3º período de Análise e Desenvolvimento de Sistemas pelo Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte;
- Capitão América: Participou das Feiras de Ciências no ano de 2014, atualmente está no 6º período do Curso de Geografia, na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte;
- Flash: Participou das Feiras de Ciências no ano de 2013, cursa o 5º período de Engenharia Elétrica na Universidade de São Paulo;
- Superman: Participou das Feiras no ano de 2012, cursa o 8º período de Química pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, Campus Pau dos Ferros.

Os pseudônimos aqui colocados foram pensados e criados diante da vivência do sujeito com a pesquisa, isto é, em alguns momentos foi possível

analisar o perfil do entrevistado com algumas características dos heróis aqui representados.

A escolha para a segunda fase se deu pelo ano de participação. Tentamos fazer uma ordem cronológica destas participações, bem como aqueles que se prontificaram a participar da entrevista dentro de um calendário previsto para a consolidação dos resultados. É importante frisar também que utilizamos como critério de exclusão o limite de idade, ou seja, os colaboradores da pesquisa todos são maiores de 18 anos.

### 3.4 Depois dos dados obtidos, o que foi feito com eles?

O objetivo primordial da análise de dados é compreender criticamente o sentido do que fora indagado, tendo significações explícitas ou subentendidas. Dessa forma, o momento da análise dos dados foi trabalhado num contexto interpretativo, a partir das diretrizes fixadas pelas hipóteses da relação que estas mantiveram no sistema teórico proposto (PÁDUA, 2004. p. 85).

Os dados construídos ao longo do processo foram tabulados de acordo com a análise de conteúdo desenvolvida por Bardin (2004). A técnica preza pelo rigor metodológico sendo desenvolvida de maneira sistemática, a partir de três fases: 1) Pré-análise; 2) Exploração do material, categorização ou codificação; 3) Tratamento dos resultados, inferências e interpretação (BARDIN, 2004).

A Pré-Análise é realizada em quatro etapas, a saber: leitura flutuante; escolha dos documentos; reformulações de objetivos e hipóteses e a formulação de **indicadores** (BARDIN, 2004). Dessa forma, tomamos como instrumentos da leitura flutuante: a) os questionários realizados com alunos que participaram das Feiras de Ciências promovidas pelo Programa Ciências para Todos, no período 2012 a 2018, no Semiárido Potiguar que no período da pesquisa de campo cursavam o Ensino Superior; b) As entrevistas realizadas com os sujeitos. Vale salientar que nesta etapa nem todos que responderam o questionário fizeram parte da entrevista; e c) Os documentos de caracterização e acompanhamento (relatórios) do Programa Ciências para Todos do Semiárido Potiguar dos anos de 2011 a 2017.

A leitura flutuante destes materiais nos permitiu evidenciar uma sistematização de ideias preliminares diante de nossas investigações, as quais enaltecem as próximas fases bem como a construção do texto de análise desta pesquisa.

Dentro da pré-análise, a escolha dos documentos vem à tona após o pesquisador realizar uma leitura flutuante ampla, assim terá em sua análise segmentos pautados na regra da exaustividade, a qual exige que nenhum documento deve ser deixado de fora; a regra da homogeneidade, que estabelece que a seleção dos documentos permita a comparação e uma categorização proximal; e a última regra, definida como a pertinência que cobra que os documentos devam guardar correlação com os objetivos da análise (BARDIN, 2004).

Ainda nesta fase, todos os documentos obtidos na pesquisa (questionário, entrevistas e relatórios) foram analisados obedecendo ao critério da exaustão, o qual frisou todos os elementos possíveis: a homogeneidade, o agrupamento de concepções, regularidades e divergências por caminharem juntos na

interpretação; e a pertinência dos dados coletados com a finalidade de trazer significados aos nossos objetivos.

Diante da escolha dos documentos, foi possível traçar os objetivos e fazer levantamentos hipotéticos deste estudo. Assim, o objetivo foi propor uma reflexão direcionada aos resultados e subsidiar um quadro teórico e/ou pragmático. Quanto à hipótese, esta é uma afirmação transitória a que nos propomos constatar (confirmar ou informar), recorrendo aos processos de análise. Trata-se de uma proposição cuja origem é a intuição e que permanece em suspenso enquanto não for submetida à prova de dados seguros (BARDIN, 2004).

Neste estudo, o objetivo geral consiste em analisar as contribuições das Feiras de Ciências promovidas pelo Programa Ciências para Todos no Semiárido Potiguar no desenvolvimento protagônico de alunos na Educação Básica e suas implicações de ascensão ao Ensino Superior. Nessa conjuntura, os documentos analisados versam a tônica de tentarmos elucidar fontes pertinentes em dois segmentos/objetivos: As Feiras de Ciências e o desenvolvimento protagônico do aluno na educação básica e o protagonismo deste no Ensino Superior.

Continuando a pré-análise, chega-se à elaboração dos indicadores, que são elementos de marcação para permitir extrair das comunicações a essência de sua mensagem. Nesta, há as operações de recorte do texto em unidades comparáveis de categorização para análise temática e de algumas das modalidades de codificação para o registro dos dados (BARDIN, 2010).

Dentro de uma gama de procedimentos usados, das concepções e falas concedidas por meio dos instrumentos, foi possível formular indicadores temáticos a serem categorizados nas fases posteriores. Assim, o método utilizado nessa fase foi selecionar os principais pontos das entrevistas, de maneira a contemplar os objetivos da pesquisa, categorizando, pois, em formas de subtemas na fase de codificação do material. Vale salientar que o questionário e a análise documental (relatórios) não foram alvos dessa análise diretamente, uma vez que o questionário foi aplicado para mapearmos os sujeitos da pesquisa e conseguinte realizar a entrevista, e os relatórios foram analisados na ótica de trazer elementos que fomentassem a significância do Programa quanto à demarcação e expansão de fazer ciência nesse território geográfico brasileiro.

Seguindo essa orientação, o quadro 03 apresenta os elementos de marcação que caracterizam os indicadores desse estudo, tendo as palavras que apareceram com mais frequência no estudo. Vejamos o **Quadro 2**.

**Quadro 2:** Unidades de registro das falas dos entrevistados

Unidades de registro	Número de ocorrência das palavras
Feiras de Ciências	309
Educação Básica	107
Contribuições dessa Atividade	189
Protagonismo	108
Ensino Superior	98
Aluno Pesquisador	75
Programa Ciências para Todos do Semiárido Potiguar	86

Fonte: Sousa, 2019.

Como demarca o quadro, os números à frente das Unidades de Registro indicam a frequência com que a palavra foi reproduzida, configurando-se, metodologicamente, como elementos comprobatórios diante dos objetivos estabelecidos na dissertação. É pertinente expressar que a unidade de registro “as contribuições dessa atividade”, está associada às Feiras de Ciências, evidenciando sua potencialidade diante do contexto educacional.

As próximas etapas tiveram como finalidade apresentar reflexões diante do Protagonismo Estudantil por meio das Feiras de Ciências do Programa Ciências para Todos no Semiárido Potiguar, através de uma sistematização classificada em categorias intermediárias e finais.

Dando continuidade, a análise de conteúdo preconiza também a exploração do material, etapa que tem por finalidade a categorização ou codificação no estudo. Nesta fase, a descrição analítica, vem enaltecer o estudo aprofundado, orientado pelas hipóteses e referenciais teóricos (MOZZATO; GRZYBOVSKI, 2011). A definição das categorias é classificada, apontando os elementos constitutivos de uma analogia significativa na pesquisa, isto é, das categorias. Dessa forma, a análise categorial consiste no desmembramento e posterior agrupamento ou reagrupamento das unidades de registro do texto. Assim, a repetição de palavras e/ou termos pode ser a estratégia adotada no processo de codificação para serem criadas as unidades de registro e, posteriormente, categorias de análise iniciais (BARDIN, 2010).

Vale salientar que, dentro da análise de conteúdo, as categorias podem ser definidas a priori ou posteriori (BARDIN, 2010). Nesse estudo, fez-se presente a posteriori, devido ao fato de essa ser construída em torno de um resultado progressivo, isto é, ser formada após um tratamento e sistematização de elementos (frases e palavras) diante do procedimento analítico.

Assim, estão elencadas no quadro abaixo as categorias iniciais de análise, tendo a significância das palavras e termos oriundos da entrevista. Para este momento usamos os segmentos norteadores: Feiras de Ciências; Protagonismo; Incentivo pela participação das Feiras; Contribuições das Feiras na Educação Básica; Programa Ciência para Todos no Semiárido Potiguar; Ensino Superior e Super Poderes das Feiras de Ciências. É pertinente destacar que tais categorias foram elencadas devido ao uso corriqueiro no documento entrevista, tendo também a sequência categorial do instrumento, o **Quadro 3**, nos mostra:

**Quadro 3:** Categorias iniciais

N.	Categorias iniciais
1	Feiras de Ciências como eventos de culminância de projetos científicos
2	Eventos que trazem projetos científicos para escola
3	Espaço de inovação e criatividade científica por meio de projetos;
4	Apresentação de resultados advindos de projetos científicos;
5	Culminância de um processo educativo científico feito por projeto.
6	Protagonismo na escola
7	Ator do próprio trabalho

8	Estudante preocupado com a comunidade
9	Aluno como solucionador de problema
10	Aluno que busca resultado melhores para sociedade
11	Aluno responsável
12	Aluno como pesquisador
13	Professores
14	Professor de Português
15	Professor de Língua Portuguesa
16	Professor de História
17	Professora de Arte
18	Professor de Química
19	Autonomia
20	Oralidade
21	Apresentação de Trabalhos
22	Exposições Orais
23	Participação ativa
24	Participação coletiva
25	Saberes coletivos
26	Programa de qualidade
27	Programa de excelência
28	Programa de oportunidades
29	Processo de Aprendizagem no Ensino Superior
30	Processo de qualificação para o Ensino Superior
31	Atividades de cunho reflexivo para o ensino superior.
32	Atividade de criticidade
33	Protagonismo na faculdade
34	Aluno protagonista nos IES
35	Conhecimento do método científico
36	Conhecer o mundo científico
37	Poderes de comunicação e interpretação
38	Poder de Criação
39	Poder de Criatividade
40	Poder de construção do conhecimento e aprendizagem

Fonte: Sousa, 2019.

Após o levantamento de 40 categorias iniciais, veio a consolidação de 7 (sete) categorias intermediárias, as quais são os agrupamentos das categorias iniciais, que trazem informações por meio de um conjunto de expressões oriundas do documento e fomentadas por um conceito/inferência norteador (FOSSÁ, 2003). Nesta etapa as categorias iniciais são descritas de acordo com a interpretação do conteúdo dos instrumentos de pesquisa e dos conceitos teóricos (PEREIRA, 2019).

Assim, as categorias iniciais desta pesquisa foram descritas de acordo com a interpretação do conteúdo das entrevistas e dos conceitos teóricos, fomentando assim as intermediárias. Fez-se presente também o conceito norteador, o qual objetiva uma breve descrição das categorias encontradas e exploradas. É válido frisar que tal conceito é construído diante da epistêmica dos achados e significados da pesquisa. Vejamos o **Quadro 4**.

**Quadro 4:** Categorias intermediárias

<b>Categorias intermediárias</b>		
<b>Categoria Inicial</b>	<b>Conceito Norteador</b>	<b>Categoria Intermediária</b>
1. As Feiras de Ciências como eventos de culminância de projetos científicos; 2. Eventos que trazem projetos científicos para escola; 3. Espaço de inovação e criatividade científica por meio de projetos; 4. Apresentação de resultados advindos de projetos científicos; 5. Culminância de um processo educativo científico feito por projeto.	As Feiras de Ciências ocorrem em locais públicos onde os discentes, após uma atividade de investigação científica, culminam as descobertas e resultados de modo criativo. Vale salientar que tais resultados são apresentados por meio de uma sistematização postulada em um projeto de pesquisa.	1. As Feiras de Ciências como eventos de culminância de projetos científicos.
6. Protagonismo na escola; 7. Autor do próprio trabalho; 8. Estudante preocupado com a comunidade; 9. Aluno como solucionador de problema; 10. Aluno que busca resultado melhores para sociedade; 11. Aluno responsável 12. Aluno como pesquisador.	O protagonismo estudantil velado nas falas dos sujeitos entrevistados vem com adjetivos que os empoderam e dão um leque de oportunidades para transformarem os saberes/conhecimentos em instrumentos benéficos para a sociedade, não os limitando somente para o âmbito escolar. É importante destacar que estes falam que as Feiras de Ciências oferecem essa liberdade para o aluno expressar e criar tamanha autonomia para a escola e a comunidade na qual habitam.	2. Aluno como sujeito Protagonístico por meio das Feiras de Ciências
13. Professores; 14. Professor de Português; 15. Professor de Língua Portuguesa; 16. Professor de História; 17. Professora de Arte; 18. Professor de Química.	O professor aparece nesta categoria como um dos principais incentivadores dos alunos para a participação das Feiras. Assim compreende esta pessoa, como mediador de conhecimentos que traz o dinamismo por meio da prática científica de projetos.	3. A figura do professor nas Feiras de Ciências
19. Autonomia; 20. Oralidade; 21. Apresentação de Trabalhos; 22. Exposições Orais; 23. Participação ativa; 24. Participação coletiva; 25. Saberes coletivos.	Dentro das contribuições, percebe-se que as Feiras de Ciências são capazes de fazer com que o aluno, por meio de trabalhos próprios, envolva-se em uma investigação científica, propiciando um conjunto de experiências significativas em prol do seu desenvolvimento pessoal e educacional.	4. As contribuições das Feiras de Ciências
26. Programa de qualidade; 27. Programa de excelência; 28. Programa de oportunidades.	Diante as vozes dos Sujeitos o Programa Ciência para Todos do Semiárido Potiguar traz para uma gama de experiências exitosas diante a produção e a popularização	5. A visibilidade do Programa Ciências Para Todos do Semiárido Potiguar

	da ciência, evidenciando resultados por meio da qualidade e excelência.	
29. Processo de Aprendizagem no ensino superior; 30. Processo de qualificação para o ensino superior; 31. Atividades de cunho reflexivo para o ensino superior; 32. Atividade de criticidade; 33. Protagonismo na faculdade; 34. Aluno protagônico nos IES; 35. Conhecimento do método científico; 36. Conhecer o mundo científico.	Percebemos, a partir dos relatos dos sujeitos de pesquisa, que o processo de orientação e realização das Feiras de Ciências constitui-se como oportunidades formativas para alunos, advindas das experiências por eles vividas nesse momento de produção e culminância de conhecimentos científicos. São valorizadas pelos sujeitos investigados as oportunidades de socialização e troca de experiências no âmbito educacional, enaltecendo que tais atividades despertam o senso crítico e reflexivo, dando-lhes a liberdade de serem os próprios atores/atrizes daquele conhecimento que se busca, isto é, de serem protagonistas.	6. As contribuições das Feiras de Ciências no Ensino Superior
37. Poderes de comunicação e interpretação; 38. Poder de Criação; 39. Poder de Criatividade; 40. Poder de construção do conhecimento e aprendizagem.	Dentro de uma gama de contribuições que as Feiras de Ciências conseguem oferecer para quem delas participa, foi possível apresentar vários poderes dessa atividade no âmbito educacional, significando poderes de comunicação, Criação, Criatividade e de construção de conhecimento e aprendizagem.	7. Os Super Poderes das Feiras de Ciências no Âmbito Educacional.

Fonte: Sousa, 2019.

Conforme as categorias intermediárias elencadas, podemos verificar a relevância das Feiras de Ciências no processo educativo do sujeito. Foi evidenciada também uma gama de conhecimentos, competências e habilidades, que as Feiras conseguem trazer para o aluno, sobretudo como estas ainda despertam para o caráter investigativo das ciências de maneira a zelar pelo protagonismo estudantil.

Seguindo a tônica de análise vem à categoria final, esta compreendida pela aglutinação das categorias secundárias e as significações do conceito norteador (FOSSÁ, 2013). Nesta etapa foi possível apresentar duas categorias finais, sendo-as: As Feiras de Ciências e Sujeitos do Programa Ciências para Todos do Semiárido e As Feiras de Ciências frente à formação do protagonismo estudantil: da Educação Básica ao Ensino Superior (Quadro 5).

**Quadro 5:** Categorias finais

Categorias finais		
Categoria Inicial	Conceito Norteador	Categoria Intermediária
<p>1. As Feiras de Ciências como Eventos de Culminância de Projetos Científicos;</p> <p>2. A Figura do Professor nas Feiras de Ciências;</p> <p>3. A visibilidade do Programa Ciências Para Todos do Semiário do Potiguar.</p>	<p>As Feiras de Ciências consideradas como um instrumento de grande relevância para o conhecimento científico se caracterizam pelo processo de pesquisa a qual apresenta projetos exitosos verticalizados em uma proposta interdisciplinar que tendem a responder uma questão problema para a sociedade por meio de um método científico. Nas vozes do sujeito, as Feiras se referenciam por um momento que os discentes têm para culminar os achados oriundos dos projetos de pesquisas. Dentro do Programa Ciências para Todos do Semiário do Potiguar, as Feiras têm uma visibilidade significativa, diante do processo de iniciação científica de alunos da localidade, tendo a imagem do Professor como elemento central dessa construção, excitando o magnífico trabalho frente a uma mediação de conhecimentos e incentivo para o mundo científico.</p>	<p><i>As Feiras de Ciências e Sujeitos do Programa Ciências para todos do Semiário</i></p>
<p>4. As contribuições das Feiras de Ciências na Educação Básica;</p> <p>5. As contribuições das Feiras de Ciências no Ensino Superior;</p> <p>6. Aluno como sujeito protagonista por meio das Feiras de Ciências;</p> <p>7. Os Super Poderes das Feiras de Ciências no Âmbito Educacional.</p>	<p>Dentro das contribuições, as Feiras vêm apresentando uma gama de significações desde a Educação Básica até o Ensino Superior. Nesse segmento é nítido perceber que o aluno tem uma prática protagônica quando participa de momentos em que ele se torna responsável por algum elemento social visível na comunidade. Assim, fica evidenciado dentro das falas dos sujeitos entrevistados que as atividades em questão dão um empoderamento ao aluno, as quais significam sua ação diante do que está fazendo, e dentro desta fase, ele aprofunda quesitos para sua carreira estudantil, dentre muitas, evidenciam com maior repetição: o desenvolvimento da oralidade, da ação reflexiva perante a comunidade, da autonomia, do poder de comunicação e</p>	<p><i>As Contribuições das Feiras de Ciências frente à formação do protagonismo estudantil: da Educação Básica ao Ensino Superior</i></p>

	<p>interpretação. Tais elementos trazem uma "garantia" para um possível desenvolvimento para a carreira acadêmica, a qual destina-se ao Ensino Superior.</p>	
--	--	--

Fonte: Sousa, 2019.

Tendo as categorias finais elencadas dentro do processo de análise é de suma importância destacar que os itens formulados tomaram como base conceitos pré-definidos, que culminaram na confirmação da aplicação do objeto de estudo. Trata-se de uma análise pautada nos instrumentos e objetivos desse estudo, elucidada por meio das percepções dos sujeitos envolvidos nesta pesquisa.

Após a confirmação das categorias elencadas no quadro 06, tivemos a estima que as Feiras de Ciências potencializam as aptidões no indivíduo e os fazem pessoas conhecedoras do valor íntegro do protagonismo, seja no contexto educacional ou social (fora das Instituições de ensino). Vale destacar que ambas as categorias finais estão correlacionadas com os objetivos desta pesquisa, dando respaldo a nossa problemática de pesquisa.

Outrossim, dentro da análise de conteúdo, estão as inferências e interpretações, estas, buscam uma significação de mensagens através ou junto da mensagem primeira. Nesta fase, o tratamento dos resultados vem com a finalidade de constituir e captar os conteúdos contidos em todo o material coletado por meio dos instrumentos (FOSSÁ, 2013). Esta fase é a “operação lógica, pela qual se admite uma proposição em virtude da sua ligação com outras proposições já aceitas como verdadeiras” (BARDIN, 2010, p. 41).

Nesse segmento, as inferências nortearam e trouxeram resultados para os nossos objetivos diante da epistêmica de analisar as contribuições das Feiras de Ciências promovidas pelo Programa Ciências para Todos no Semiárido Potiguar no desenvolvimento protagônico de alunos na educação básica, evidenciando as implicações e contribuições dessa atividade na ascensão ao Ensino Superior, pautada na resignificação que os estudos assumiram na vida estudantil desses sujeitos, tanto na escola como na universidade.

#### **4 Palavras finais**

Este estudo teve o propósito de descrever a aplicação da técnica análise de conteúdo em uma pesquisa qualitativa. Para ilustrar, apresentamos a forma de condução da análise de conteúdo em uma dissertação de mestrado, num esforço para desvendar o conteúdo latente, sob o viés do caráter crítico da pesquisa. Pautamos a técnica de análise de conteúdo sob os dados delineada de modo interpretativo e explicativo, atendendo aos requisitos de coerência externa e interna da pesquisa qualitativa.

A análise de conteúdo se caracteriza como uma técnica de pesquisa, que, embora decorra de diversas interpretações e modo de realizar-se, há uma sequência sistemática que traz uma consistência na pesquisa diante o que é defendido por Laurence Bardin. Como toda técnica, requer rigorosidade e sistemática de regras que precisa ser aprendida e exercitada para assim, ser

possível tirar o máximo de abstrações possíveis de um fato, fenômeno ou de uma resposta dada por um sujeito de pesquisa.

Quando a pergunta de partida se pautou em “Como aplicar a Análise de Conteúdo em pesquisas qualitativas?”, buscamos resposta na descrição do uso da técnica na pesquisa realizada. A descrição da utilização da técnica desenvolve-se por um processo constituído de três etapas a: 1) Pré-análise: realizamos a leitura do material e os organizamos; 2) Exploração do material: elencamos as categorias com os respectivos conceitos norteadores; 3) Tratamento dos resultados: debruçamo-nos nas inferências e interpretação dos resultados.

Esse percurso nos auxiliou na compreensão do propósito das mensagens dos entrevistados, ou mesmo, dos elementos de significação susceptíveis de compreensão, que não tínhamos a priori. Com efeito, a produção do conhecimento, gerada a partir da percepção dos sujeitos, foi possível em função do rigoroso e sistemático detalhamento da técnica Análise de Conteúdo, respeitando suas fases, formas de tratamento e interpretação. Como disse Bardin (2004), a utilização sistemática e objetiva dos procedimentos gera validade e confiabilidade dos achados da pesquisa. Assim, a hipótese é confirmada uma vez que a adoção da técnica Análise de Conteúdo, desenvolvida mediante um processo sistemático e coerência interna que sustenta o seu passo a passo, propiciou a base para a construção válida e confiável de inferências e resultados na pesquisa qualitativa realizada.

Notadamente, isso foi possível mediante conhecimento aprofundado do contexto e da natureza do fenômeno social investigado quando se trata de pesquisa qualitativa. Como nos alertam Bogdan e Biklen (1994, p.67), “[...] os estudos qualitativos não são ensaios impressionísticos elaborados após uma visita rápida a determinado local ou após algumas conversas com uns quantos sujeitos”. Por mais que levemos em consideração aspectos de intensidade, objetivos e complexidade que classificam diferentes tipos de estudos qualitativos, segundo Bogdan e Biklen (1994), o investigador está sempre dedicando considerável tempo no mundo empírico, observando, coletando e revendo seus dados.

Convém, ainda, destacar que a aplicação da técnica Análise de Conteúdo em um estudo de cunho qualitativo não apresenta uma receita pronta com um bom emprego de métodos ou técnica em pesquisas, haja vista os níveis de alcance, profundidade e complexidade que exige. No entanto, não se pode fugir de buscar o conhecimento da técnica, de como aplicá-la e de como interpretar os resultados oriundos dela, principalmente, porque, segundo Bardin (2004), trata-se de uma técnica em permanente revisão, precisando, pois, de constante estudo.

Ancorado pelas discussões travadas ao longo do texto, esperamos que este estudo contribua para esclarecer peculiaridades da técnica Análise de Conteúdo, evidenciando seu potencial de aplicação nas pesquisas de cunho qualitativo ou até mesmo de outras abordagens. Esperamos que ele possa auxiliar pesquisadores(as) que pretendem se aventurar na técnica Análise de Conteúdo em pesquisas de abordagem qualitativa, cuja exigência é desvendar o não dito e construir pistas esclarecedoras que permitam a compreensão do fenômeno social investigado.

## Referências

- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2010.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2004.
- BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto (Portugal): Porto Editora, 1994.
- FOSSÁ, M. I. T. **Proposição de um constructo para análise da cultura de devoção nas empresas familiares e visionárias**. Tese (Doutorado em Administração). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.
- GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar**. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. Rio de Janeiro: E.P.U., 2018.
- MELUCCI, Alberto. **Por uma sociologia reflexiva**: pesquisa qualitativa e cultura. Petrópolis/RJ: Vozes, 2005.
- MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**: Pesquisa Qualitativa em Saúde. (12ª edição). São Paulo: Hucitec-Abrasco, 2010.
- MINAYO, M. C. S. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: MINAYO, Maria. C. S (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001. p.09-29.
- MOZZATO, A. R; GRZYBOVSKI, D. Análise de Conteúdo como Técnica de Análise de Dados Qualitativos no Campo da Administração: Potencial e Desafios. **Revista de Administração Contemporânea**, Curitiba, v. 15, n. 4, pp. 731-747, jul./ago. 2011.
- PEREIRA, G. J. W. **Barragem Poço de Varas nos municípios de Cel. João Pessoa (RN) e São Miguel (RN)**: Propostas política, territorialidade e memória coletiva. 2019. (Dissertação). Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Pau dos Ferros-RN, 2019. 131 f.
- PRODANOV,  
Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.
- SANTOS, B. S. **Um discurso sobre as Ciências na transição para uma ciência**. São Paulo: Cortez, 2008.
- SOUSA, J. R. **Protagonismo estudantil em feiras de ciências no semiárido potiguar**: da Educação Básica ao Ensino Superior. Dissertação (Mestrado em Ensino). Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Pau dos Ferros-RN, 2019. 133 f.
- SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓDOVA, Fernanda Peixoto. **A pesquisa científica**. In: GERHARDDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. (org.). Métodos de Pesquisa. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

## Informações complementares

### Contribuição de autoria

**Concepção e elaboração do manuscrito**: José Raul de Sousa; Simone Cabral Marinho dos Santos

**Coleta de dados**: José Raul de Sousa.

**Análise de dados**: José Raul de Sousa; Simone Cabral Marinho dos Santos

**Discussão dos resultados:** José Raul de Sousa; Simone Cabral Marinho dos Santos

**Revisão e aprovação:** José Raul de Sousa; Simone Cabral Marinho dos Santos.

#### **Preprint, originalidade e ineditismo**

O artigo é original, inédito e não foi depositado como *preprint*.

#### **Consentimento de uso de imagem**

Não se aplica.

#### **Aprovação de Comitê de Ética em Pesquisa**

Não se aplica.

#### **Conflito de interesse**

Não há conflitos de interesse.

#### **Conjunto de dados de pesquisa**

Não há dados disponibilizados.

#### **Licença de uso**

As autoras cedem à Revista Pesquisa e Debate em Educação os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a Licença Creative Commons Attribution (CC BY) 4.0 International. Esta licença permite que terceiros remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

#### **Publisher**

Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Faculdade de Educação (FACED), Centro de Políticas Públicas e Avaliação da Educação (CAEd), Programa de Pós-Graduação Profissional em Gestão e Avaliação da Educação Pública (PPGP). Publicação no Portal de Periódicos da UFJF. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

#### **Editores**

Frederico Braidá; Liamara Scortegagna.